

A
INTERNACIONALIZAÇÃO
A PARTIR
DE AÇÕES
DE UM PROGRAMA
DE EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA
DO SUL
DO BRASIL

LA INTERNACIONALIZACIÓN A PARTIR DE UN PROGRAMA DE EXTENSIÓN
UNIVERSITARIA DEL SUR DE BRASIL

INTERNATIONALIZATION THROUGH THE ACTIONS OF AN EXTENSION PROGRAM FROM
A SOUTHERN BRAZILIAN UNIVERSITY

Elisa Novaski Cordeiro*

Fernanda Deah Chichorro Baldin**

Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque***

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO: O presente artigo se propõe a apresentar e analisar as ações do Programa de Extensão Universitária de Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), do campus Curitiba (CT), como contribuições para a discussão das micro e macropolíticas de Internacionalização nas Instituições de Ensino Superior (IES). Além

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Atua na Universidade Tecnológica Federal do Paraná como docente no curso Licenciatura em Letras Inglês. E-mail: elisan@utfpr.edu.br.

** Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Atua na Universidade Tecnológica Federal do Paraná como docente no curso Licenciatura em Letras Inglês. E-mail: fernandabaldin@utfpr.edu.br.

*** Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque é Doutora em Psicolinguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua na Universidade Tecnológica Federal do Paraná como docente no curso Licenciatura em Letras Inglês. E-mail: jenifferalbuque@utfpr.edu.br.

disso, interessa-nos discutir ações empreendidas pelo Português sem Fronteiras (PsF), articuladas ao PFOL. Para tanto, faremos análises à luz de teóricos que conceituam internacionalização (TAVARES *et al.*, 2016; BORGES *et al.*, 2018; PAZELLO, 2019) e de autores que propõem novos olhares para políticas de internacionalização de línguas não hegemônicas, como é o caso do português (DINIZ; BIZON, 2016; BORGES *et al.*, 2018; LEAL; MORAES, 2017; FINARDI; GUIMARÃES, 2017; PICCIN; FINARDI, 2019). PALAVRAS-CHAVE: Português sem Fronteiras. Internacionalização. Instituições de Ensino Superior. Português para Falantes de Outras Línguas.

RESUMEN: El presente trabajo busca presentar y analizar las acciones del Programa de Extensión Universitaria de Portugués para Hablantes de Otras Lenguas (PFOL), de la Universidad Tecnológica Federal de Paraná (UTFPR), del campus Curitiba (CT), como contribuciones para la discusión de las micro y macropolíticas de internacionalización en las Instituciones de Educación Superior (IES). Adicionalmente, nos interesa discutir acciones emprendidas por Portugués sin Fronteras (PsF), articuladas al PFOL. Para ello, haremos los análisis teniendo en cuenta teóricos que conceptualizan la internacionalización (TAVARES *et al.*, 2016; BORGES *et al.*, 2018; PAZELLO, 2019) y autores que proponen nuevas miradas hacia las políticas de internacionalización de lenguas no hegemónicas, como es el caso del portugués (DINIZ; BIZON, 2016; BORGES *et al.*, 2018; LEAL; MORAES, 2017; FINARDI; GUIMARÃES, 2017, PICCIN; FINARDI, 2019).

PALABRAS CLAVE: Portugués sin Fronteras. Internacionalización. Instituciones de Educación Superior. Portugués para Hablantes de Otras Lenguas.

ABSTRACT: The present work aims at presenting and analyzing the actions of the University Extension Program of Portuguese for Speakers of Other Languages (PFOL), from the Federal University of Technology - Paraná (UTFPR), as contributions to the discussion of micro and macro policies of Internationalization in the scope of Undergraduate Programs (IES). In addition, we are interested in discussing actions taken by Portuguese without Borders (PsF), linked to PFOL. The analysis will be performed based on authors who define internationalization (TAVARES *et al.*, 2016; BORGES *et al.*, 2018; PAZELLO, 2019) and on authors who propose new perspectives to internationalization's policies of non-hegemonic languages, such as Portuguese (DINIZ; BIZON, 2016; BORGES *et al.*, 2018; LEAL; MORAES, 2017; FINARDI; GUIMARÃES, 2017, PICCIN; FINARDI, 2019).

KEYWORDS: Portuguese without Borders. Internationalization. Higher Education Institutions. Portuguese for speakers of other languages.

1 INTRODUÇÃO

O processo de internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) se instanciam em um momento em que diversas Universidades Federais brasileiras passam por uma reformulação no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Neste, uma das questões mais discutidas são as recentes demandas pelo aprendizado de idiomas, os quais atuariam na promoção de alunos mais preparados para atuar em contextos multilíngues e multiculturais. É no cenário de refletir sobre as ações de internacionalização no contexto de programas que promovem o ensino-aprendizado de línguas adicionais, em especial o Português Para Falantes de Outras Línguas (PFOL), que nosso estudo se insere.

O PFOL existe na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Campus Curitiba (CT) desde 2001 e, ao longo do tempo, foi se reconfigurando e ampliando seus campos de atuação, inserindo-se na Licenciatura em Letras Inglês da UTFPR-CT em 2016. Nesse mesmo ano, uniu esforços com o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), no âmbito do Português sem Fronteiras (PsF). Em 2019, o PFOL passou de Projeto à Programa de Extensão, o que lhe garantiu um novo estatuto na UTFPR-CT, uma vez que foi reiterado o compromisso em seguir mantendo uma agenda de ações capazes de integrar as comunidades externa e interna da universidade e a chancela desta para promoção dessa continuidade. Com a passagem para Programa de Extensão, as ações do PFOL passaram a ter maior importância no cenário de discussões acerca da política de internacionalização das IES.

O trabalho com o PFOL é marcado pela diversidade, uma vez que o público de estrangeiros que atendemos (tanto nas aulas regulares de português, como nas ações de socialização promovidas ao longo dos semestres letivos) é heterogêneo e caracterizado pelo multilinguismo. Tais atributos têm como consequência direta a existência de um leque bastante variado de visões multiculturais.

Tal contexto tem garantido ao PFOL a atuação na UTFPR-CT como uma (micro)política de internacionalização, afinal, como pontuam Borges *et al.* (2018), a internacionalização não se restringe ao envio de alunos ao exterior, mas se trata de um movimento que deve começar dentro das IES, com a ampliação das diferentes visões frente à diversidade.

Tendo em mente diferentes conceitos de internacionalização e privilegiando aquele que não concentra ações somente nos países de línguas oficiais privilegiadas, o presente trabalho se organiza conforme expomos a seguir.

Na Introdução, apresentamos o tema, os objetivos e a organização do artigo; na seção 2, **Dos estudos sobre internacionalização na educação ao Português sem Fronteiras (PsF)**, conceituamos algumas definições de internacionalização e traçamos um breve panorama da configuração do IsF e, dentro dele, do PsF, descrevendo alguns estudos como exemplos. Na seção 3, intitulada **O Programa de Extensão PFOL**, contextualizamos nosso ambiente de pesquisa - o PFOL da UTFPR-CT - constituindo um breve histórico sobre a evolução de uma turma de PFOL para intercambistas da UTFPR-CT, em 2001, para o Programa de Extensão PFOL, em 2020, com oferta de aulas de português para estrangeiros em 5 diferentes níveis, atendendo aproximadamente 70 pessoas (comunidades externa e interna) semestralmente e promovendo ações de socialização entre estrangeiros, alunos de diferentes graduações e professores da instituição. Também descrevemos como a inserção do PFOL no PsF direcionou nossos trabalhos e nos possibilitou ampliar as ações. Na seção 4, **Análise de algumas das ações do PFOL UTFPR nas políticas de internacionalização**, descrevemos uma série de ações promovidas pelo PFOL desde 2016 e que fortalecem a atuação desse Programa e sua relação com o PsF, relacionando-as às definições de internacionalização apresentadas na seção 2. A última seção trata de reunir o essencial do texto, apontando para possibilidades de estudos.

2 DOS ESTUDOS SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO AO PORTUGUÊS SEM FRONTEIRAS (PSF)

Os estudos a respeito da internacionalização na educação vêm sendo intensificados desde a década de 1990, assim como a importância conferida a esse processo vem aumentando gradativamente desde então (BORGES *et al.*, 2018). No estudo de Borges *et al.* (2018), os autores expõem uma série de definições de diferentes pesquisas para o entendimento do termo **internacionalização** nas IES. Entre tais definições, há alguns termos-chave coincidentes que apontaremos a seguir.

Nos conceitos apresentados por esses autores, a internacionalização nas IES tende a ser vista como um processo que ocorre nas dimensões nacional, setorial e institucional, integrando-se aspectos internacionais, interculturais e globais no que se refere às atividades de ensino, pesquisa e serviços de uma IES. Além disso, esse é um processo que marca as relações entre diferentes universidades, possibilitando a circulação de conhecimento. É notável também a presença dos termos cooperação e colaboração internacional entre diferentes instituições quanto à elaboração de projetos de pesquisa, programas acadêmicos e redes de investigação. Os autores também explanam a diferenciação entre a chamada internacionalização ativa e passiva. A ativa se refere às políticas de receber alunos em mobilidade, assim como ofertar serviços no exterior ou até mesmo instalar campus em outros países. Já a internacionalização passiva consiste no envio de alunos para outros países.

Tavares *et al.* (2016, p. 344) apresentam a seguinte definição para a internacionalização:

[...] o conceito de internacionalização engloba várias dimensões e as instituições de educação superior precisam integrar essa concepção mais ampla. A internacionalização é um movimento que protagoniza uma relação de parcerias, de intercâmbios e de cooperação entre instituições de educação superior do mundo todo, buscando a construção e compartilhamento de conhecimentos. Ela engloba um contexto que vai além da mobilidade acadêmica e, com isso, há necessidade de uma visão mais ampla e integrada às estratégias e políticas de instituições e Governos.

Tendo em vista tais concepções, ressaltamos o fato de que a internacionalização não se encerra como um mero processo de envio e recebimento de alunos de diferentes partes do mundo (BORGES *et al.*, 2018). Corroborando essa crítica, Leal e Moraes (2017) descrevem o modo como se concebe e se apresenta o processo de internacionalização de universidades e de organizações

governamentais e intergovernamentais como clichê, uma vez que todas trazem em suas concepções a ideia de internacionalização como necessária, porém sem atribuir significados claros aos termos “cidadania global” e “competência intercultural”, pontos que deveriam ser evidenciados como os resultados mais esperados desse contexto. Os autores ainda se referem ao fato de que a perspectiva das ações tomadas nessas instituições se ampara no instrumentalismo econômico e estão voltadas à competitividade do mercado, sem haver uma perspectiva mais voltada ao aprimoramento da qualidade, relevância e pertinência do ensino, fatores vistos como centrais no processo de internacionalização.

Além disso, Leal e Moraes (2017) advertem sobre a maneira como as instituições universitárias dos países do Sul vêm comandando o processo de internacionalização, de modo a desconsiderar o contexto socio-histórico no qual elas se situam. Tal configuração, segundo os autores, pode dever-se à situação de colonialidade a que somos impostos, o que molda as esferas do poder, do saber e do ser, não havendo, portanto, uma maior preocupação em propiciar uma formação crítica em relação à complexidade do mundo globalizado.

Nessa esteira, Semeraro (2012 *apud* PICCIN; FINARDI, 2019, p. 318) nos alerta para os perigos de um processo de internacionalização homogenizante e hegemônica em relação ao modelo do Norte. O autor disserta também sobre um recente movimento de busca da identidade brasileira frente ao consumismo de uma espécie de ‘valor universal’ e saber unificado que viria do Norte, de querermos ir de encontro ao “de fora e pelo alto” (SEMERARO, 2012, p. 32 *apud* PICCIN e FINARDI, p.318). Segundo Finardi e Guimarães (2017), acabamos por importar um modelo de internacionalização do Norte que pouco representa nossa realidade local, como Universidade Pública no Brasil, tendo como efeito a acentuação da desigualdade existente.

A nosso ver, internacionalização prevê trocas colaborativas de visões de mundo e, portanto, de diferentes culturas. Assim, filiamos-nos à perspectiva de construção multicultural, sem ignorar diferentes posições nem aderir a uma lógica única, que tem partido do Norte global. Entendemos que são necessários caminhos de reexistência que nos coloquem não como consumidores passivos deste conhecimento e tecnologia, mas que considerem diferentes agentes, oriundos de diversas regiões do mundo como construtores de conhecimento e, portanto, de visões de mundo válidas e relevantes. Tal entendimento ficará mais claro quando descrevermos as ações que vimos desenvolvendo no Programa PFOL da UTFPR-CT.

Nesse sentido, o aspecto que gostaríamos de ressaltar neste trabalho é a perspectiva da aprendizagem **com e na** diversidade e essa diversidade como meio de compreender e construir o conhecimento. Isso não significa estar alheio às relações de poder que permeiam quaisquer relações, nem ignorar que no mercado das línguas (CALVET, 2002) há línguas que “valem” mais do que outras, mas supõe tentar promover esse entendimento para, com isso, poder ao menos desestabilizá-lo. Assim, o intercâmbio multilíngue e multicultural é fundamental.

No caso da UTFPR, o nosso ambiente de pesquisa, segundo Tavares *et al.* (2016), destacam-se algumas tendências como movimentos relacionados à internacionalização: o foco mais forte de ações se concentra na graduação e vai em direção a acordos internacionais, vinculados a políticas públicas, com o objetivo de aumentar a mobilidade internacional. Na época do estudo, 2016, os autores citam o forte movimento estabelecido pelo, atualmente extinto, Programa Ciências Sem Fronteiras, cujo objetivo era enviar alunos de universidades brasileiras (de determinadas áreas do conhecimento) para estudar no exterior por um tempo determinado.

Nessa direção, Tavares *et al.* (2016) se baseiam no PDI da UTFPR (2013 - 2017), vigente na época, para formular um quadro com as seguintes informações relativas à internacionalização na UTFPR: Concepção Institucional de Internacionalização; Estratégias de Internacionalização e Ações de Internacionalização. Os autores enfatizam que, para a UTFPR, a internacionalização não aparece com diretrizes claras norteadoras, mas como uma meta de modo geral.

Na esfera **Concepção**, destacamos as seguintes informações: segundo os autores, a UTFPR caracteriza a internacionalização como um processo que envolve mais do que a mobilidade acadêmica, sendo concebida em ações e estratégias que garantem sua expansão, porém tal perspectiva de expansão não é sistematizada, não havendo um plano político que indique tal movimento.

Já na esfera das **Estratégias**, os autores destacam: a visibilidade da UTFPR no âmbito internacional; a expansão da mobilidade; o financiamento e; a articulação regional. Tais estratégias ligadas à meta de ampliar a internacionalização da universidade.

E, por fim, na esfera das **Ações**, os autores afirmam que muitas dessas ações, à época do artigo, estavam em processo de elaboração ou implementação. Entre elas destacamos as seguintes: inovação curricular; a oferta de disciplinas em inglês e outros idiomas; professores estrangeiros na UTFPR; incentivo para o ensino de outros idiomas; licença capacitação no exterior; participação em eventos internacionais. Tavares *et al.* (2016) ainda destacam que, na tentativa de inserir a instituição em uma cultura de internacionalização, evidencia-se a preocupação com o conhecimento de outros idiomas, entre eles o inglês.

Já no estudo de doutoramento de Pazello (2019), encontramos uma análise do elemento internacionalização no PDI da UTFPR do período seguinte 2018 - 2022, atualmente vigente, elaborado pela instituição. De acordo com a autora, o termo internacionalização não consta no referido PDI, mas, ele aparece na carga semântica do tópico **Mobilidade Internacional**, no qual as ações de internacionalização são descritas do seguinte modo: mobilidade, convênios, ações de cooperação e intercâmbio de estudantes.

Segundo Pazello (2019), as ações direcionadas à internacionalização no que diz respeito a questões linguístico-cultural vêm sendo sistemáticas desde 2013. Ela cita o IsF, promovido pelo Ministério da Educação, com início em 2012 e seu enfraquecimento em 2018, como incentivador do aprendizado de idiomas no âmbito das universidades. De acordo com a autora, um dos objetivos do referido programa era auxiliar na construção de proficiência linguística de alunos universitários para o acesso a programas, atualmente extintos, de mobilidade internacional ofertados pelo Governo Federal.

Contudo, é importante evidenciar que, de acordo com o Documento I Encontro Internacional do Idiomas sem Fronteiras: Internacionalização e Multilinguismo na Educação Superior do Brasil, publicado em 2016, o objetivo do Programa não se limitaria ao aprendizado do conhecimento linguístico, mas estaria atrelado à promoção de discussões "sobre o multilinguismo, o aprendizado de línguas estrangeiras visando à internacionalização, e a mobilidade acadêmica em nível superior" (BRASIL, 2016, p. 6). Assim, observamos que a intenção inicial do IsF em sua origem afasta-se de uma ótica instrumentalista (auxiliar na aquisição do conhecimento linguístico somente), objetivando uma inserção mais profunda do estudante de ensino superior no cenário multilíngue e multicultural do acesso a múltiplas experiências interculturais e globais advindas do contato com outros idiomas.

É sob essa perspectiva que inserimos nosso trabalho com o PFOL na UTFPR-CT, destacando a importância de se pensar uma internacionalização que não seja passiva, nem só evidencie o inglês – cuja importância é inegável também em termos econômicos – e que promova o aprendizado de diferentes idiomas, vistos não só de forma mercadológica. Para isso, poderíamos discutir o que se entende por internacionalização nas esferas universitárias. No entanto, nossa intenção no presente texto é a de destacar as ações do PFOL na UTFPR-CT trazendo luz à necessidade de aprendizagem de português por estrangeiros em mobilidade acadêmica e também de outros estrangeiros que se encontrem em Curitiba e região metropolitana. Ao mesmo tempo, tratamos de valorizar o multilinguismo característico de nosso público e promover ações em que sejam protagonistas com o intento de valorização de suas culturas de origem e o desejo de que especialmente os que não têm suas culturas valoradas positivamente – provenientes de países periféricos - não se afastem de identidades suas por pressão externa.

Ainda de acordo com o referido documento (Documento I Encontro Internacional do Idiomas sem Fronteiras: Internacionalização e Multilinguismo na Educação Superior do Brasil), o Programa IsF é definido a partir de três ações base: 1) aplicação de testes de proficiência; 2) oferta de cursos de língua a distância e 3) oferta de cursos de línguas na modalidade presencial. Sobre o item 3, destacam-se os impactos desta ação específica em duas esferas: o ensino de línguas voltado à questão da viabilização da internacionalização e da vivência acadêmica no exterior e um importante papel de formação de professores desenvolvido a partir dessa dinâmica. Para lecionar nos cursos oferecidos pelo programa, o docente precisa ser preferencialmente aluno de Letras.

As línguas ofertadas pelo IsF são: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês e português como língua estrangeira/adicional (PLE/PLA). O foco deste trabalho específico aqui apresentado reside na esfera do Português, denominado dentro do IsF como Português sem Fronteiras (PsF).

A partir do cenário acima delineado, passamos a descrever o contexto de atuação do Programa de PFOL na UTFPR-CT, bem como as ações do PsF e como se dá a união de macro e micro políticas de internacionalização.

3 O PROGRAMA DE EXTENSÃO PFOL

Ao recuperar algumas definições possíveis para o termo internacionalização e as contribuições de Tavares et al. (2016), Leal e Moraes (2017), Finardi e Guimarães (2017), Pazello (2019) e Piccin e Finardi (2019), procuramos deixar visível que sua discussão é relativamente recente quando se pensa no âmbito das IES. A recência das discussões está impressa, também, na designação de portarias que promovem a constituição de comissões para a discussão das ações dentro das IES (a saber, na UTFPR, a portaria de nº 1761, de agosto de 2017).

Nessa esteira, uma constante parece ser a de que uma cultura de internacionalização precisa, necessariamente, da promoção do conhecimento de outros idiomas (TAVARES *et al.*, 2016), entre eles o Português como Língua Estrangeira (PLE). É a partir desta necessidade transversal comum a todas as iniciativas de internacionalização das IES (a de promoção do multilinguismo e multiculturalismo), que passamos a discorrer sobre o Programa de Extensão de Português para Falantes de Outras Línguas da UTFPR (PFOL), bem como sua ligação a ações como o PsF, previamente mencionado na seção 2 deste texto.

Entendemos que uma ressalva deve ser enunciada: por mais que os documentos institucionais da UTFPR destaquem a necessidade de promoção de multilinguismo – e, obviamente de multiculturalismo – na prática observam-se ações de promoção quase exclusivamente do inglês – com a justificativa de que é a língua hegemônica. Discursivamente, não se observa plano de inclusão de outras línguas, muito embora haja um considerável número de estudantes hispano-americanos nas pós-graduações *stricto sensu* da instituição. Isso exacerba o caráter de adesão a uma visão naturalizada e hegemônica da importância de parcerias com instituições do norte, no que podemos chamar de herança colonial.

Embora o termo internacionalização não estivesse em evidência no começo dos anos 2000, o PFOL na UTFPR tem operado desde então como uma ação desta natureza, uma vez que promove o intercâmbio discursivo de alunos estrangeiros e brasileiros. Isso porque as ações empreendidas têm como objetivo inserir e integrar estudantes estrangeiros na sociedade, o que resulta na interação entre brasileiros e estrangeiros (alunos e não alunos da UTFPR-CT).

Para compreender a intersecção que propomos entre o Programa do PFOL, o PsF na UTFPR-CT e a internacionalização das IES, faremos um recorte do histórico do Programa de PFOL na UTFPR-CT, a partir das discussões introdutórias de Becker et al. (2011) e Cordeiro e Baldin (2017). De acordo com Cordeiro e Baldin (*op cit*), o ensino de português a alunos estrangeiros na UTFPR, campus Curitiba, data de 2001. Naquele momento, ainda na condição de projeto de extensão, as aulas foram criadas para atender intercambistas, em sua maioria de universidades e institutos europeus e latinoamericanos (BECKER *et al.*, 2011). As aulas eram ministradas por professores do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas (DALEM-CT), sendo ofertada apenas uma turma, que acolhia os alunos estrangeiros, mesmo com diferentes características (níveis de proficiência linguística em português, línguas maternas, culturas de aprendizado, entre outros fatores.)

Ao longo dos anos, como apontam Cordeiro e Baldin (2017), não só o perfil dos alunos estrangeiros, como a composição do quadro docente (também no aspecto quantitativo) se modificou. A partir do ingresso de mais professores no quadro de docentes do DALEM-CT e da inclusão de alunos brasileiros como monitores, provindos da Licenciatura de Letras Português-Inglês (à época), passou-se à criação de um Grupo de Pesquisa dentro de um projeto de extensão, solidificando, assim, o tripé ensino, pesquisa e extensão. De acordo com Becker *et al.* (2011), o Grupo de Pesquisa tinha como objetivo auxiliar não só na elaboração de estratégias didáticas para as aulas de PFOL para os alunos estrangeiros, bem como realizar leituras e discussões concernentes à prática pedagógica do PLE dos alunos de Letras Português-Inglês em formação inicial.

A partir de 2016, com a criação do novo curso de Letras Inglês, foram incorporadas três disciplinas obrigatórias na grade curricular - Ensino de PFOL I, Ensino de PFOL II e Grupo de Pesquisa em PFOL. Desde então, o projeto de extensão PFOL ampliou-se, uma

vez que se solidificaram as pesquisas já realizadas e se estabeleceram novos núcleos de estudo, possibilitando uma maior oferta de bolsas aos alunos da graduação que, até então, atuavam no PFOL como monitores voluntários.

As ações do PFOL, atualmente, constituem-se por duas frentes principais: 1) turmas de 60 horas semestrais de português ofertadas regularmente e divididas em cinco níveis (PFOL 1, 2, 3, 4 e 5), juntamente com ações organizadas ao longo dos semestres letivos para socialização entre professores da instituição, alunos estrangeiros e alunos de diferentes graduações (na maioria de Letras Inglês da UTFPR-CT); 2) formação docente dos licenciandos de Letras Inglês que atuam como monitores.

Embora muitos outros aspectos no histórico de criação e progressão do Programa de PFOL na UTFPR-CT sejam interessantes, focaremos nossa atenção nas ações que contemplam os objetivos propostos neste estudo: a) micropolíticas de internacionalização (Programa PFOL) e b) macropolíticas (instanciadas no IsF, mais especificamente para o presente estudo, no PsF).

Apesar de o PFOL da UTFPR só ter se convertido em Programa a partir da resolução N° 09/2019, de setembro de 2019, o projeto de extensão já agregava diversas ações que se coadunavam com políticas de internacionalização conforme definidas por Tavares et al. (2016), na compreensão de que a internacionalização mobiliza parcerias de intercâmbio e cooperação entre instituições e, mais amplamente, a “construção e compartilhamento de conhecimentos” (TAVARES *et al.*, 2016, p. 344). O projeto também se valia do horizonte que privilegia promoção e valorização de culturas de países periféricos, a fim de desestabilizar quadros hegemônicos de pensar.

Algumas dessas ações serão mais bem descritas na seção 4 deste trabalho, portanto, aqui, procuramos esclarecer o entendimento de políticas linguísticas que orienta o trabalho do Programa PFOL (UTFPR-CT) para, então, pensarmos em que tipo de internacionalização nos inserimos.

Segundo Diniz (em comunicação oral no evento III EPFOL, 2017), as micropolíticas de internacionalização surgem a partir de demandas locais, em geral do corpo discente e das necessidades dos agentes atuantes no processo de ensino em relação ao compartilhamento de conhecimentos de forma mais ampla. No caso do PFOL da UTFPR-CT, a modificação do perfil de estrangeiros que buscava aulas na instituição foi um dos marcos para alterações nos objetivos e modos de ensinar e aprender. Passamos de um público composto basicamente de intercambistas para atender, além desse público, migrantes de crise em número crescente (a partir de 2013).

Nesse contexto, conforme os alunos estrangeiros continuavam chegando em quantidades cada vez mais expressivas, procuramos entender, conforme apontam Diniz e Bizon (2016), que pensar no ensino de PFOL (especialmente de línguas sem muito prestígio no âmbito mais mercadológico do processo de internacionalização, como é o caso do português) era produzir conhecimentos a partir das multiplicidades; reconhecer os diferentes pensares e formas de construir o mundo; favorecer o diálogo sem anular as diferenças, entre outros aspectos. E isso para além da sala de aula, suscitando práticas fora de sala, seja em eventos na própria instituição, sejam em ações fora dela.

Com o cenário ideológico delineado, é possível dizer que o PFOL da UTFPR-CT se firmou como uma micropolítica de internacionalização dentro da universidade, de modo a: estabelecer relações com outros departamentos da própria instituição; com projetos premiados pelo ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), como o Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMHI) da Universidade Federal do Paraná (UFPR); firmar parcerias com a Secretaria de Justiça do Paraná (entrando para a lista de instituições e órgãos que oferecem aulas gratuitas de português a migrantes); participar de eventos da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVm) entre outras ações.

Nesta seção, procuramos contextualizar o Programa do PFOL da UTFPR-CT como uma micropolítica de internacionalização, até a incorporação e criação de ações de promoção da internacionalização em um nível mais macro, materializada no PsF. Para tanto, mobilizamos conceitos teóricos e concepções de internacionalização que olham para o termo internacional como um convite à troca de conhecimentos que são (deveriam ser) múltiplos e de semelhante importância. Nesse sentido, defendemos uma visão de internacionalização em que haja também espaço para que o Sul passe a refletir sobre suas relações de dependência com o Norte e

que busque “[...] compreender as complexas relações e interesses que regem a internacionalização da educação mundial, na busca por alternativas aos padrões hegemônicos e homogeneizantes [...]” (PICCINI; FINARDI, 2019, p. 327). Para evidenciar exemplos de ações de internacionalização no nível micro e macro, passamos a discorrer sobre algumas das ações promovidas pelos programas PFOL UTFPR-CT e PsF da UTFPR.

4 ANÁLISE DE ALGUMAS DAS AÇÕES DO PFOL UTFPR-CT DENTRO DAS POLÍTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Conforme apresentamos na seção 3, o Programa do PFOL da UTFPR-CT foi se modificando ao longo dos anos. Em todo esse tempo, o foco esteve direcionado para duas esferas: o atendimento aos alunos estrangeiros e a formação dos alunos de Letras que atuavam como monitores. Assim, conforme mencionado na seção 3 deste texto, o trabalho com a internacionalização sempre foi um componente das ações performadas pelo Programa de Extensão de PFOL da UTFPR-CT, antes mesmo da instituição do PsF. No entanto, é a partir de 2016, com o projeto de internacionalização das IES, que as ações do PsF começam a ser implementadas e uma relação mais estreita com as instâncias de Relações Internacionais da UTFPR passa a ser concretizada.

Assim, faremos um recorte das ações do PFOL e do PsF a partir de 2016. Tal recorte a partir desse ano se justifica uma vez que se marca o início de dois processos importantes para o PFOL: a) o início da aplicação e ampliação das políticas institucionais de internacionalização da UTFPR; b) o ingresso da primeira turma do curso de Letras Inglês, o qual nos oportunizou inserir o PFOL no curso de Letras Inglês da instituição (duas disciplinas obrigatórias e uma optativa, como já mencionado) e criação de editais de bolsas para os alunos da graduação.

Os critérios de seleção para organização das ações descritas neste estudo são os seguintes:

- a) execução nos anos de 2016, 2017, 2018 e 2019;
- b) contribuição para políticas de internacionalização na promoção de indivíduos multilíngues.

Em 2016, percebemos que a maioria dos alunos estrangeiros não tinha opções de lazer variadas, nem de encontros de socialização. Desse modo, elaboramos a primeira ação que envolveria alunos estrangeiros e alunos de Letras fora do ambiente de sala de aula. Nosso objetivo era oferecer alternativas de intercâmbio linguístico cultural que extrapolassem o formato de sala de aula. A primeira ação nesse sentido foi o Projeto *Língua em Uso*: foram 3 encontros ao longo do 2º semestre de 2016, dos quais participaram alunos de Letras, professoras da instituição e alunos estrangeiros. Cada encontro tinha uma temática pré-definida: o primeiro foi a exibição do filme *Que Horas Ela Volta* e posterior debate; a segunda foi um encontro com diversos jogos de tabuleiro e brincadeiras tradicionais (como stop, forca e mímica) e o terceiro teve como foco a leitura e discussão de pequenos textos literários.

No 2º semestre de 2017, repetimos essa dinâmica, agora em torno da temática música, com quatro encontros. O primeiro foi sobre Samba, o segundo Tropicália e Bossa Nova, o terceiro sobre Rock e o último sobre Atualidades/Música contemporânea. O objetivo desses encontros era possibilitar momentos de interação em que a música como manifestação cultural estivesse em evidência, para que ao mesmo tempo, eles conhecessem músicas brasileiras e conversassem sobre elas. Também houve espaço para que mostrassem músicas de suas culturas. Os alunos de Letras e também de outros cursos (como de Educação Física) participaram selecionando canções, ensinando a dançar, conversando sobre as letras das músicas, expondo os instrumentos utilizados. Pensando em alguns dos princípios da internacionalização que aqui defendemos, as atividades do Projeto Língua em Uso possibilitaram a existência de um espaço físico e simbólico para a construção de olhares múltiplos a partir de aspectos culturais brasileiros. Mas, também além dessa questão, pudemos possibilitar a interação a partir das diversas visões dos indivíduos envolvidos (estrangeiros e brasileiros). Os encontros, portanto, formaram um espaço de reconhecimento de diferentes maneiras de pensar o mundo, a partir da construção de um diálogo que aproximou as experiências que estrangeiros e brasileiros tinham de alguns produtos culturais (isto é, filmes, músicas, brincadeiras e literatura). Assim, ao invés de anular ou tentar criar um espaço de intersecção forçada dos valores atribuídos pelos diferentes indivíduos envolvidos, oportunizou-se um ambiente de discussão e troca de experiências.

Também em 2017, após um semestre de pesquisa acerca do papel do docente de PFOL na internacionalização, o Grupo de Pesquisa em PFOL promoveu o *III EPFOL - Encontro de Português para Falantes de Outras Línguas, com a temática de “Políticas Linguísticas e Internacionalização nas Universidades”*. O evento contou com a presença de mais de 30 apresentações/comunicações individuais de diferentes partes do Brasil, conferências e mesas-redondas. Nesta última modalidade, foi organizada uma troca de experiências entre entidades responsáveis pela internacionalização na UTFPR e outras fora da Universidade, ligadas ao Programa PMUB (Política Migratória e Universidade Brasileira) da UFPR, sob o título de “O processo de internacionalização nas universidades federais de Curitiba e os estudantes estrangeiros.” Essa mesa possibilitou o entendimento de que havia, ao menos, dois processos de internacionalização gerenciados pelas entidades (o de envio de alunos ao exterior e o de recebimento/acolhida de estrangeiros nas IES), ficando ausentes ações de promoção de um olhar que não privilegiasse o norte global.

Entre os debates da mesa, é importante apontar o entendimento comum de seus membros a respeito de qual seria o perfil do aluno a ser enviado a uma IES do exterior e qual era o perfil do aluno estrangeiro que deveria vir ao Brasil. Tal experiência se somou às discussões teóricas realizadas no interior do Grupo de Pesquisa em PFOL (entre professores em formação inicial e continuada) e práticas (ao passo que se consolidaram atitudes e ações de promoção do multilinguismo dentro e fora da instituição).

Além do evento acadêmico, o PsF na instituição investiu fortemente em ações que privilegiassem *Cursos de Práticas para o Exame Celpe-Bras* (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros), leitura e escrita de textos acadêmicos, com forte ênfase em aspectos culturais. A escolha específica na promoção do Exame Celpe-Bras justifica-se pelo entendimento do termo internacionalização como promoção do multilinguismo. A obtenção de proficiência no exame é um dos requisitos que possibilitam a determinados profissionais estrangeiros o exercício legal de suas profissões no Brasil, ou que estudantes possam ingressar em programas de pós-graduação ou, mais recentemente (ainda que esteja em constante debate sua validação para esse fim) a permanência no país. Ao ofertar a prática e simulados para o referido exame, a UTFPR-CT entra no cenário de IES que qualificam e possibilitam que seus alunos estrangeiros adquiriram altos níveis de proficiência linguístico-discursiva em português chancelados por órgão oficial brasileiro.

No ano de 2018, no segundo semestre, houve a roda de conversa *Identidades em Trânsito: Narrativas de Migrantes no Brasil*, durante a *Semana Acadêmica das Licenciaturas da UTFPR*. Tal ação teve como objetivo oportunizar aos alunos estrangeiros um espaço de troca de experiências acerca da construção de suas identidades. Em 30 de novembro do mesmo ano, também foi organizado, na UTFPR-CT, o evento *A Multiculturalidade nas Universidades Brasileiras*, que ocorreu durante todo o dia. Pela manhã, houve uma palestra com uma professora convidada da UFPR e, em seguida, uma roda de conversa com alunos estrangeiros, alunos do PFOL da UTFPR. À tarde, aconteceram várias ações ministradas e coordenadas por estrangeiros: Oficinas de Culinária Síria e de Cabelos Afros, roda de poesia, apresentação artística do Grupo Musical Alma Síria e, durante todo o dia, houve as Exposições Fotográficas *Vidas Refugiadas* e *Olhares do Refúgio*. Em ambos os eventos, ressaltamos a tentativa de concretizar um exercício de autonomia agenciada via uma perspectiva de internacionalização que não procura apagar as diferentes realidades locais, ao contrário, promove a multiculturalidade dentro e fora das Universidade Brasileiras.

Chegando ao ano de 2019, os projetos de internacionalização se concentraram no estabelecimento de novas parcerias. Foram promovidas falas públicas de docentes (tanto dos monitores - em formação inicial - como dos professores - em formação continuada) em *Semana Acadêmica do Curso de Letras (Português e Inglês)*. Além disso, fomos convidados a participar de eventos interáreas, como na *Semana de Arquitetura da UFPR* (para ministrar uma palestra acerca da presença e relação estabelecida pelos alunos estrangeiros em espaços urbanos). Em um exercício de diversidade de vozes, quem protagonizou as mesas e a palestra, com nossa assistência, foram os alunos estrangeiros. Tais atividades são exemplos concretos da autonomia agenciada por uma internacionalização que viabiliza a voz do outro, aprendendo e compartilhando experiências com ele.

Além da participação nestes eventos, monitores (docentes em formação inicial) e docentes em formação continuada foram convidados a compor o comitê editorial da primeira revista de materiais didáticos livres para migrantes do Brasil. A revista *Ressonâncias* teve o lançamento do seu primeiro número em março de 2020, mas o projeto foi inteiramente idealizado e executado em 2019. Como se trata de revista elaborada em formato de unidades didáticas que são REAs (Recursos Educacionais Abertos), o periódico vem a somar nas ações de internacionalização e formação docente, uma vez que auxiliam o acadêmico (monitores do

PFOL) na produção de materiais didáticos livres de qualidade, em uma área que carece de materiais acessíveis (não só em termos de custo, mas também por conta das diversidades de demandas de ensino de português para fins específicos) e os alunos estrangeiros (os quais recebem materiais produzidos a partir da construção de conhecimentos de profissionais especializados).

Para além das ações de internacionalização aqui caracterizadas e analisadas, que sempre estão intimamente relacionadas com o atendimento dos alunos estrangeiros e com a formação dos docentes de Letras da UTFPR-CT, apontamos que a maior ação de promoção do multilinguismo são as aulas de português e cursos especiais ofertados à comunidade interna e externa, uma vez que elas são propulsoras das demais. É por meio desses espaços e, a partir deles, que o olhar múltiplo e crítico é constantemente exercitado. É na e, a partir da sala de aula, que a internacionalização como compartilhamento de conhecimentos se instancia.

5 CONCLUSÕES

Nesta discussão, procuramos mostrar como os objetivos e configurações do PFOL na UTFPR-CT foram se modificando ao longo do tempo. Primeiro, buscava-se atender a uma pequena demanda de estrangeiros que vinham estudar na UTFPR. Para tanto, havia uma única turma semestral para atendê-la. Com a abertura do já extinto curso de Letras Português Inglês¹, houve a possibilidade de alunos de Letras participarem das aulas de PFOL, criando, assim, a monitoria voluntária e o Grupo de Pesquisa. Em sua atuação mais recente (de 2016 até o presente momento), as discussões do grupo não só se voltaram a questões estreitamente relacionadas ao ambiente de aulas de português, mas também sobre encaminhamentos teórico-práticos acerca da promoção de agentes multilíngues e multiculturais (alunos brasileiros e estrangeiros) e de ações conectadas à internacionalização das IES.

O Programa de Extensão do PFOL, portanto, continuará se constituindo a partir do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão. A extensão, ou seja, a integração da comunidade à universidade é parte fundamental do que entendemos pelo “ser” servidores públicos e por estar em uma universidade pública, fomentando nos estudantes a necessidade de estarem atentos a demandas sociais e responsabilizar-se por parte da mudança. O atendimento com aulas e outras ações aos alunos brasileiros e estrangeiros (da comunidade interna e externa) em nossa universidade possibilita a esses estrangeiros uma maior integração à cultura local, fazendo com que eles não somente se deparem com conteúdos relativos à sua formação, mas também vivam outras realidades no Brasil (inclusive ao interagir com estrangeiros migrantes, por exemplo), além de poderem expressar suas identidades em outras ações de protagonismo.

No entanto, a partir da inserção das políticas de internacionalização da UTFPR e com a criação do PsF, novas atividades (mais relacionadas com a promoção de gêneros acadêmicos, orais e escritos) foram implementadas na versão de cursos e oficinas, como as mencionadas na seção 4. Esse rol de atividades permitiu que expandíssemos, de certo modo, uma visão inicial do termo internacionalização, como criticam Borges et al. (2018), Leal e Moraes (2017), Finardi e Guimarães (2017) e Piccin e Finardi (2019). As ações do PsF performam os objetivos para a internacionalização conforme previstos pelos documentos oficiais, como os citados na seção 2, e, de certa forma, os ultrapassam, uma vez que o PsF se encontra associado ao Programa de PFOL, cujas ações de internacionalização já advém de um período em que o termo não era utilizado.

Assim, diante do cenário de conceitos discutidos e ações de internacionalização apresentadas, esperamos que este trabalho possa contribuir para a compreensão dos diferentes prismas que constituem as políticas de internacionalização. Entendemos que a ação proposta pelo IsF não se resume a centro de idiomas dentro das IES para possibilitar a mobilidade acadêmica de alunos, mas que seja entendido como uma forma de tornar as IES, de fato, internacionalizadas, em suas práticas e políticas, no sentido de ampliar suas visões de mundo e de construção do conhecimento em âmbito internacional, a partir do multilinguismo. Em uma perspectiva a longo prazo e bastante esperançosa, ansiamos contribuir para formar o entendimento mais amplo de outras realidades e, assim também, a compreensão do conhecimento de modo mais profundo diverso e inclusivo.

¹ Chamamos a atenção para a informação do período de quatro anos (2012-2016), o Programa de PFOL contou com a presença de monitores, alunos do curso de Letras Português Inglês (licenciatura dupla obrigatória). No entanto, em 2015, houve a descontinuidade do curso de licenciatura dupla e o campus Curitiba da instituição passou a ter, a partir de 2016 um curso de Letras Português e outro de Letras Inglês.

REFERÊNCIAS

- BALDIN, F. D. C.; CORDEIRO, E. N. O processo de formação inicial de professores de português para falantes de outras línguas na UTFPR-CT: Integração entre prática pedagógica e teoria. *Revista Línguas e Letras*, v. 18, n. 39, p. 96-111, 2017.
- BECKER, M. R. et al. O desafio do ensino de português para falantes de outras línguas - PFOL - na UTFPR. In: SEI - SEMINÁRIO DE EXTENSÃO E INOVAÇÃO DA UTFPR, 1., Curitiba, 2011. *Anais...* Curitiba: UTFPR, 2011.
- BRASIL. *I Encontro internacional do idiomas sem fronteiras: internacionalização e multilinguismo na educação superior do Brasil*. Brasília, 2016. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/images/2016/agosto/Idiomas_sem_Fronteiras.pdf. Acesso em 23 mar. 2020.
- BIZON, A. C. C. *Narrando o Celpe-Bras e o convênio PEC-G: a construção de territorialidades em tempos de internacionalização*. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.
- BORGES, B. et al. A internacionalização da educação superior no Brasil: uma revisão sistemática. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE GESTÃO, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO, 2., Naviraí, 2012. *Anais...* Naviraí, 2018.
- CALVET, L. J. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CALVET, L. J. *Le marché aux langues. Les effets linguistiques de la mondialisation*. Paris: Plon, 2002.
- FINARDI, K.; GUIMARÃES, F. F. Internacionalização, rankings e publicações em inglês: a situação do Brasil na atualidade. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 28, n. 68, p. 600-626, 2017.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.
- LEAL, F. G.; MORAES, M. C. B. Internacionalização curricular no sul-global: uma perspectiva crítica a partir dos conceitos de redução sociológica e de epistemologias do Sul. *RESUR – Revista de Educación Superior del Sur*, v.3, n.1, p.1-26, 2017.
- PAZELLO, E. *Internacionalização na UTFPR: da cereja do bolo às duas pontas do iceberg*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- PICCIN, G. F. O.; FINARDI, K. R. A internacionalização a partir de diferentes loci de enunciação: as concepções de sujeitos praticantes do Currículo Profissional. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 58, p. 313-340, 2019.
- TAVARES, M.; RUBIN-OLIVEIRA, M.; PEZARICO, G.. Internacionalização da educação superior: perspectivas de expansão na UTFPR. In: SEMINÁRIO NACIONAL UNIVERSITAS/BR, 24., Maringá, 2016. *Anais...* Maringá: Editora, 2016.



Recebido em 01/04/2020. Aceito em 27/05/2020.